



O que buscais?

Nos dias 14, 15 e 16 de setembro, padre Julián Carrón, presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação, esteve no Brasil e realizou encontros públicos nas cidades de São Paulo, Manaus e Brasília. Aqui reunimos os diálogos destes três eventos.

© Sociedade Litterae Communionis
Revista Passos

© Fraternità di Comunione e Liberazione
para os textos de Julián Carrón e Luigi Giussani

SÃO PAULO, 14 DE SETEMBRO DE 2014

***Colocação:** Lendo o texto dos Exercícios da Fraternidade, na p. 36, encontrei isto: “o valor de uma pessoa está em ser reconhecida – como é ótima, como é apta, como é esperta – ou em ser amada?”. Eu me dei conta de uma experiência que estou fazendo. Tenho uma filha especial, que possui uma síndrome e neste ano terá de mudar de escola, pois acaba o ciclo. Ela concluiu o 5º ano. Mas como vai mudar, gostaria que ela repetisse este ano para a passagem ser mais sutil, porque o 6º ano é aquele em que são vários professores, crianças maiores, e é exigida muito mais responsabilidade. Conversando com vários profissionais que a acompanham, todos acharam que isso seria bom para ela. Só que me deparei com um problema: a legislação. Porque crianças especiais não devem ser retidas. Mas olhando para ela, vejo que é importante eu ir à luta. Estou tentando encontrar uma nova escola, o que é muito difícil, e me indicaram ir à diretoria de ensino e correr atrás de várias dificuldades para tentar transpor esta lei. E percebi que ela me foi dada para ser amada e pra ser feliz e não para concluir ou não o ciclo escolar. Percebi que através dessa circunstância estou sendo testemunha para várias pessoas que nem me conhecem. Numa escola que eu fui, a diretora me disse: “Nunca vi uma mãe assim, vejo sempre o contrário: as mães conseguindo liminar para adiantar os filhos; e você querendo retê-la por um amor a ela”. Então percebi aquilo que você contou de uma mãe em Bolonha. O que muda a vida não é uma lei, ou formalidades, mas as circunstâncias que enfrentamos tendo um olhar novo. Nem tinha percebido muito essa grande graça em minha família, porque minha filha sempre foi muito querida e aceita. Em nenhum momento pensamos nela como um estorvo, ou algo assim, simplesmente porque reconhecemos que nos foi dada por Alguém que nos ama e a ama também. Percebo que é assim que podemos mudar o mundo.*

Julián Carrón: É muito bonito aquilo que a nossa amiga nos contou, porque nós podemos entender as coisas que nos dizemos nos Exercícios ou quando nos encontramos, quando interceptamos na nossa experiência um fato que nos ajuda a entender o alcance daquilo que ouvimos, porque Deus nos fez de um modo que, para nos fazer entender as coisas, as faz acontecer. Não nos dá uma aula, faz com que aconteça em nós. Se quer que entendamos o que é o

amor, por ser decisivo para a vida, nos faz nascer em uma família: não nos dá uma aula, nos dá pais com os quais possamos fazer uma experiência de amor, com os quais possamos entender que o amor é decisivo para a vida. Ou faz com que nos apaixonemos ou nos dá amigos. E, assim, entendemos que ter amigos ou nos apaixonarmos é decisivo para a vida. Então, se formos atentos àquilo que acontece na vida, podemos entender as coisas mais decisivas para a vida. Uma das coisas que nos dissemos e que ela nos lembrou agora, é que o valor da pessoa está muito mais no fato de ser amada do que no fato de possuir títulos, dinheiro, ou fazer coisas bonitas. Se olharmos para a nossa vida... Se você fosse chefe de uma empresa, como seria possível ver que uma pessoa lhe respeita como chefe? Quando lhe quer bem porque você é o chefe, porque é um gênio, ou lhe quer bem pela pessoa que você é, por você ser uma pessoa? Quando uma pessoa lhe é amiga? Quando o valor da sua pessoa depende dos títulos que tem, do dinheiro que tem, da capacidade de fazer as coisas? Quando você tem certeza de que é amado por si mesmo e não por aquilo que faz? O valor da vida, em suma, está verdadeiramente no fato de sermos amados. Lembro-me sempre de como Jesus agia: havia um homem, do qual ouvimos falar muitas vezes, que se chamava Zaqueu, e vivia em uma cidade da Palestina chamada Jericó. E todas as pessoas da cidade o olhavam por aquilo que era capaz de fazer e, como ele não fazia as coisas direito, mas cometia muitos erros, as pessoas não o estimavam. Então, ele via que o relacionamento que os outros tinham com ele era ditado somente por aquilo que ele fazia, e isso não o mudava, mesmo que os outros lhe jogassem na cara “você está errando, você é um ladrão (porque ele se aproveitava das pessoas), você não faz as coisas corretamente”. Isso não introduzia nenhuma mudança nele. Quando ocorreu a mudança? Quando um imprevisto aconteceu. Enquanto todos o olhavam assim, chegou Alguém, que se chamava Jesus, e quando o viu ali, em cima da árvore porque era pequeno de estatura e não queria perder Jesus de vista, dirige a ele e lhe diz: “Zaqueu, desce da árvore porque vou à sua casa”. Imaginem a comoção. Alguém que era odiado por todos em sua cidade, porque todos o olhavam por aquilo que fazia e por isso todos os odiavam, não gostavam dele. Imaginemos que sentimento ele tinha de si mesmo. E chega Alguém que gratuitamente lhe diz: “desce, porque vou à sua casa”. Para entender o que aconteceu com ele precisaríamos imaginar o que aconteceria se Jesus passasse hoje perto de nós, em um lugar qualquer da

cidade de São Paulo, perto de nós que muitas vezes nos olhamos mal porque não somos capazes de viver como nós gostaríamos, [porque nós também olhamos para nós mesmos somente por aquilo que fazemos. Nós achamos que o valor da nossa vida está naquilo que somos capazes de fazer. E, por isso, muitas vezes censuramos a nós mesmos, não censuramos somente os outros, mas também a nós mesmos!], pois bem, se Jesus se aproximasse de nós, que temos esse sentimento em relação a nós mesmos, que no fundo não nos amamos, se Jesus chegasse e nos dissesse: “olha, posso ir jantar em sua casa?”, o que aconteceria em cada um de nós? Cada um se sentiria realmente honrado, mas diríamos a Jesus: “Você sabe quem eu sou? Eu não sou ninguém! Realmente não faço as coisas direito”. E começaríamos a fazer uma relação das coisas que não gostamos em nós. E Jesus, como se não tivesse nos ouvido, repetiria: “Gostaria ir jantar em sua casa, você aceita?”. O que diríamos? Aquilo que estou dizendo, todos nós sabemos, é a descrição daquilo que vivemos conosco mesmos. Quando me tornei padre, há muitos anos atrás, agora sou um pouco velho, me lembro de uma senhora que veio se confessar e começou a fazer uma lista dos seus pecados e eu comecei a lhe falar sobre essas coisas, sobre como Jesus olhava de modo diferente, como Ele era capaz de abraçar a sua vida, e ela, como se não tivesse me escutado, continuava repetindo os seus pecados. Era como se não tivesse me escutado, como se dissesse a si mesma: “Ele não ouviu o que eu disse”. E repetia seus pecados de novo, e de novo. Lembro-me sempre desse episódio, acontecido há tantos anos atrás, porque diz muito bem qual é a maneira com a qual nós nos olhamos. E mesmo quando alguém nos diz que há Alguém que nos ama, nos parece tão improvável, tão impossível que pensamos que a pessoa não escutou todos os erros que cometemos, porque se tivesse escutado, não poderia dizer isso, não poderia continuar dizendo isso. Não poderia repeti-lo. Porém, Jesus conhecia Zaqueu muito bem, e este, sabendo que nada do seu mal era oculto a Ele, desce da árvore e o recebe muito contente, diz o Evangelho. Esse é o primeiro contragolpe, quando alguém sente que o valor da pessoa está muito além daquilo que ela é capaz de fazer, que está no fato de ser de ser amada, e isso introduz uma letícia na vida, uma alegria que é incomparável com qualquer outra coisa. E é isso o que muda a vida! Porque todos da cidade repetiam àquele homem tudo o que fazia de errado – e era verdade que fazia –, mas jogar isso na sua cara não o mudava. A única que o

mudou foi Alguém que o olhou daquele modo. Nós podemos entender o valor da pessoa somente se amamos desse modo. Por isso, aquilo que nossa amiga contava sobre a sua filha revela todo o amor que tem por ela. Porque todos os outros estavam preocupados com a burocracia, com as coisas que uma pessoa que tem limites pode fazer segundo as leis estabelecidas. Não se preocupavam com a filha, com a possibilidade de ela poder aprender, mas com aquilo que era preciso fazer seguindo a burocracia. Quando todos aqueles que são presos às leis, às regras encontram uma mãe que ama a filha mais do que as regras, se surpreendem. Porque, no fundo, o que é amar o outro? Seguir algumas regras ou amar o outro como ela ama sua filha? O que é amar o outro? O que quer dizer amar o outro? Porque, para ela, era mais fácil deixar a filha continuar seu percurso escolar normal. Mas quem ama não quer enganar a si mesma nem à filha. E, por isso, luta, tem a audácia, a coragem de lutar pelo bem da filha. Tudo na vida depende de encontrarmos pessoas que nos amem assim.

Colocação: *Eu estou fazendo uma experiência muito bonita de amizade dentro da nossa companhia. E dá para ver que é verdadeira porque eu já quero que tome toda a minha vida, que faça parte de tudo. A coisa mais urgente que começou a tomar foi olhar para a educação dos meus filhos não segundo aquilo que eu acho que deve ser feito, como eu acho que devem ser tratados, mas olhando para cada um. E neste período estamos planejando uma viagem com a nossa família e temos que trocar o carro porque está dando alguns problemas. E eu comecei a ficar muito incomodada por perceber que o ponto central não era mais a necessidade de descansar, mas ir para um lugar da moda, e não era trocar o carro, mas ter um carro mais bonito. Então eu me perguntei como é que a gente usa o nosso dinheiro, qual é o critério. Queria, de verdade, que o dinheiro fosse um instrumento para favorecer a experiência que eu estou fazendo, mas que não fosse para viver o mundo que todo mundo vive e reduzir o meu desejo. Mas ao mesmo tempo percebo que me torno escrava de todas as outras coisas e perco o sentido.*

Carrón: Quando acontece uma coisa bonita na vida, como aconteceu na vida da nossa amiga, isso determina o relacionamento com tudo, e a pessoa deseja que isso alcance todos os detalhes da vida. E é muito bonito o que ela diz, porque como Dom Giussani sempre nos dizia, citando o pensador alemão

Guardini “na história de um grande amor, tudo se torna acontecimento”. Quando alguém se apaixona, tudo se torna acontecimento. Quando está diante do por do sol, não consegue deixar de pensar na pessoa amada. Ou, quando o marido viaja para um jantar de trabalho, um belo jantar, em outra cidade, não pode deixar pensar que está faltando a pessoa que ele deseja, porque um jantar sem ela é menos belo. Não pode deixar nada de fora daquele evento que o tomou totalmente, porque sem ela, tudo é menos desejável. E não é necessário ser cristãos para desejar isso. Basta que tenha acontecido algo que seja interessante para a vida, que seja decisivo para vida, e a pessoa deseja que este bem, esta beleza entre em todos os detalhes da vida. Ela, que está vivendo uma experiência tão bonita, não pode deixar de desejar que toda a vida seja investida por essa beleza que ela vive. É por isso que quando uma pessoa encontra Cristo não pode não desejar que esse encontro com Ele invista tudo. Vemos isso quando alguém se apaixona: de que vale todo o dinheiro se eu não o gasto também para estar com a pessoa amada. Até o dinheiro tem a ver com o aquele evento que aconteceu. Não é que alguém que se apaixona precisa necessariamente ser bom e generoso com a namorada, ninguém nos diz isso quando estamos apaixonados. Porém, se alguém me dissesse isso, eu responderia: “mas para que preciso de dinheiro senão para gastar com ela”. É como se entrasse uma outra lógica na vida, é como se a pessoa comesse a pensar de modo diferente, não por causa de uma lei, não por causa de um hábito, não porque todos o dizem, mas porque esse acontecimento toma toda a vida. Se o cristianismo é um acontecimento ainda maior que entra na vida, não pode senão dizer respeito a tudo, por isso ela diz que quer que tudo tenha a ver com esse acontecimento, com essa nova vida que está começando a viver. Não porque deseje ser generosa, não porque queira conquistar a vida eterna, não porque queira viver bem todos os mandamentos, sequer pensou nisto, simplesmente porque não quer perder o melhor do que lhe aconteceu, em todos os detalhes da vida. Por isso, ela sente um certo incômodo quando algo não tem a ver com aquilo que lhe aconteceu. E se pergunta uma coisa que pode parecer estanha, mas é a coisa mais normal: como podemos usar o nosso dinheiro para viver melhor aquilo que aconteceu em nossa vida?”. Se nós desejamos viver cada vez mais, o que nos dá mais gosto para viver, passar as férias em um lugar da moda ou viver as férias de forma diferente por causa daquilo que nos aconteceu? É o carro,

a marca do carro que nos dá felicidade, ou não? E aí começamos a mudar a maneira de viver e também a forma de nos relacionarmos com o dinheiro; não por causa de um voluntarismo, não por uma austeridade, não porque alguém me diz para fazê-lo, não porque vou à igreja e alguém me faz um sermão. Porque o dinheiro, quando nos apaixonamos, é o instrumento para afirmar aquilo que eu quero viver. E este é o sinal de que aconteceu alguma coisa tão bonita, a ponto de tocar até o dinheiro. Porque quando chega a ter a ver com o dinheiro, significa que nos aconteceu algo realmente grande. Por isso, na vida do Movimento somos educados a isso através do Fundo Comum. Quer dizer, aquilo que nos aconteceu é tão grande e nós somos tão gratos que Dom Giussani concebeu esse gesto também para nos educar a ver que Cristo tem a ver com tudo. Como para dizer: “Olhem que isso é tão importante que é preciso entender que até o uso dinheiro é mudado por causa daquilo que aconteceu a vocês”. Não é simplesmente um modo de recolher dinheiro, é um modo para entender, para nos tornar conscientes do alcance daquilo que nos aconteceu, para nos tornar conscientes de que aquilo que nos aconteceu é tão decisivo que, se não chega até aí, mesmo que seja para dar um centavo por ano, se não chega até aí, então ainda não entendemos o alcance daquilo que nos aconteceu. O Fundo Comum tem um objetivo, antes de mais nada, educativo. É para nos fazer entender: “mas vocês percebem aquilo que lhes aconteceu?”. E alguém pode me perguntar: “como dou-me conta se realmente entendi aquilo que me aconteceu?”. Quer ver se realmente entendeu o que lhe aconteceu no encontro com o Movimento? Há um sinal muito simples para poder verificar: olhe como você trata o Fundo Comum, porque se não chega aí, quer dizer que você ainda não se deu conta do significado daquilo que lhe aconteceu. Se você quer saber se alguém que diz que está apaixonado por você lhe quer mesmo bem, sem fazer grandes filosofias, basta um sinal: se ele é capaz de compartilhar algum dinheiro com você. Se não lhe paga nem uma cerveja, ou um metrô, mande-o àquele lugar. Você entendeu muito bem. Não precisa fazer um curso de noivos para entender se esta é a pessoa da sua vida. É melhor começar a procurar outro. Porque basta um gesto para entender o resto. É um indício simples, muito simples, porque a vida é una. Não é dividida em pedaços. A vida é una. E neste particular, eu digo tudo o que o outro significa para mim. Lembro-me de uma vez em que uma moça que me fez ler uma carta onde o namorado a repreendia por causa de certas

coisas que tinham acontecido e ela me contava que, no relacionamento com esse rapaz, tinha acontecido algo diferente daquilo que acontecera com os outros. Ela se deu conta de que os outros relacionamentos não foram em frente porque ela não tinha se envolvido. Mas com este, sim, com este tinha realmente se envolvido, mas havia dois sinais que não batiam: o primeiro era que ele não queria que os colegas de trabalho soubessem que eles estavam juntos e, segundo, nunca queria apresenta-la à família. Todo o resto, ia muito bem. Só faltavam esses dois pequenos detalhes. Por que vocês estão rindo? Porque é óbvio. Vocês teriam entendido logo que não faltava só o chapéu sobre a cabeça, faltava o amor. Em um detalhe nós podemos entender logo que não é verdadeiro, sem precisar ser o prêmio Nobel. A mesma coisa acontece com o dinheiro: se aquilo que nos aconteceu não chega a tocar o dinheiro, não é verdadeiro. Como diz a nossa amiga, a vida toda é una. E isso é estupendo porque nos damos conta de que somos feitos para esta unidade; que a vida é mais bonita e intensa se tudo tem essa ligação, não é uma vida em pedaços; que há um evento que ajuda a unir tudo e que é a chave que me ajuda a entender todo o resto. Sem essa chave, a vida fica em pedaços. Mas quando essa chave acontece, tudo se relaciona, tudo está unido. A questão é se nós cedemos, se favorecemos esta beleza a ponto de chegar em todos os detalhes. É o que aconteceu a Zaqueu. O que aconteceu não é só que Jesus tenha ido jantar em sua casa. Quando ele entendeu o alcance daquele acontecimento, disse: “vou começar a devolver aos outros aquilo que roubei”. É esse acontecimento que introduz um amor na vida, que a muda. O que muda a vida não são as leis, as normas ou a lista das coisas que temos para fazer, o que muda a vida é um acontecimento, um amor. Por isso, Jesus diz que quem encontra isto, encontra um tesouro escondido no campo: “Vai e vende tudo o que tem para comprar aquele terreno”. Não porque seja louco ou porque tenha visões, ou porque quer ser piedoso, mas porque este é o negócio da vida. É o único negócio da vida. Todo o resto é somente para aqueles que não querem fazer um bom negócio. Por isso, o cristianismo é somente para aqueles que são realmente negociantes, que estão realmente interessados em fazer um bom negócio, o mais importante da vida, o único negócio que vale a pena. Quem quer menos do que isto, não se interessará pelo cristianismo.

Colocação: Quero lhe agradecer pelo caminho que tem me ajudado a

percorrer. Cada vez mais me dou conta de como a minha relação com Cristo se aprofundou nesse período em que estamos trabalhando os Exercícios da Fraternidade. Realmente sinto que cresci! Viver dentro dessa consciência de que as coisas que acontecem na realidade são uma relação, uma conversa que sempre me ensina algo mais, torna tudo novo para mim, e por isso a vida é cheia de liberdade e esperança. É incrível perceber isso a partir de vivências tão corriqueiras, como o dia a dia na faculdade que, desapercebidamente, vai colocando um peso de doer os ossos, ou mesmo em situações mais delicadas, como quando uma pessoa muito querida ficou doente. Uma das experiências que exemplificam essa mudança para mim é em relação à política. Com a proximidade das eleições, fomos muito provocados a olhar para esse tema, a deixar de lado a apatia que normalmente nos domina. Observei muitas pessoas, perguntei a opinião de alguns amigos, tentei me interessar pelo assunto e me informar melhor. Esse esforço foi em vão, porque sempre me parecia um jogo somente de gente estudada, com posições previamente calculadas e planejadas, ou uma questão de rótulo, você vota em quem gente como você deve votar. Voto católico, partidos comunistas, muita discussão e polêmica em torno desse tipo de ideia. A sensação que tinha era de distanciamento, nenhum pensamento se tornava meu. Esse desconforto encontrou resposta quando li seu comentário do Evangelho, quando Jesus quebra os esquemas habituais da samaritana, em uma situação tão parecida, a sociedade dividida em lados. Eu não preciso de discussões sobre doutrina ou ideologias para olhar para a política, eu preciso de uma Presença que desperte o meu interesse sobre o bem das pessoas. Ao mesmo tempo que pensava essas coisas, passei a conviver mais com um amigo que tinha um olhar diferente para essa questão. Ele olhava para os candidatos não somente analisando a cartilha de propostas e a linha ideológica, mas aberto para conhecer a pessoa por trás delas, atento a detalhes que eu não cogitaria, como se admirar com o que a figura do candidato inspira nas pessoas, por exemplo. Ainda não defini meu voto, mas a grande diferença que encontrei é a abertura para encará-lo, com liberdade e sem espaço para receios de votar errado ou censuras. Tranquila pela certeza de seguir um olhar pleno de amor, e de esse olhar se tornar meu parâmetro. Nunca tinha pensado assim.

Carrón: Percebam que este é outro exemplo do que um acontecimento

introduz na vida. Vimos que diz respeito ao dinheiro, e agora, à política. Porque a pessoa é una, e eu posso ter uma atitude de apatia em relação à política, mas também ser apático em relação aos estudos, ao trabalho, aos relacionamentos... Por isso, a verdadeira questão é: há algo que desperta o meu interesse por tudo? Porque, se não há algo que constantemente desperte o meu interesse por tudo, eu me torno cada vez mais apático. Não que eu faça coisas erradas, mas me torno cada vez mais apático, cada vez mais como um vegetal, sem me interessar por nada. A vida se torna cada vez mais pesada, cada vez mais tediosa, nada me toma suficientemente para ser eu mesmo. Por isso, a primeira coisa que impressiona é que aconteça algo em minha vida que faça com que eu me interesse por tudo o que acontece na realidade. Nós tivemos a graça de encontrar alguém como Dom Giussani que despertou nosso interesse por tudo: o canto, as férias, passar um momento bonito juntos, a beleza das montanhas, ouvir música; despertou nosso interesse pela educação, pelo modo de administrar o dinheiro, e também pelo que diz respeito a todos, como a política. Pensem se nós nos déssemos conta disso: o que vocês veem na realidade? Há alguém entre as pessoas mais próximas a quem tenha acontecido algo que fez com que se interessasse por tudo o que acontece na realidade? Por isso é mais decisivo do que o fato de que eu, depois, consiga identificar em quem votar. Porque isso me abre, e não é suficiente para mim, repetir slogans ideológicos; e introduz em mim uma abertura para conhecer os candidatos, o que dizem, como se colocam diante da realidade, e até em relação às eleições, pelas quais muitas vezes as pessoas não se interessam muito porque cada vez mais reina uma apatia, começamos a ver que em nós não vence essa apatia, mas vence o interesse. Uma presença, ela diz, que desperta o interesse! Isso é aquilo que, como ela disse, Jesus desperta na samaritana, porque, para despertar isso, Jesus não fica amarrado naquilo que era o desejo daquela mulher. Quando Jesus a encontra, lhe diz: “Podes dar-me um pouco de água?”. E ela começa a distraí-Lo: “Mas eu sou samaritana e tu és um judeu, e os judeus não falam com os samaritanos”. Essa mulher achava que poderia distrair Jesus, envolvê-lo em um debate ideológico, como muitas acontece de nos fecharmos em debates ideológicos com companheiros, colegas, amigos. E a conversa termina ali. Mas Jesus não se contenta com isso. Por quê? Porque Jesus vê que, por trás daquele debate ideológico, ela está se escondendo porque não quer olhar para a sede que

tem. Muitas vezes usamos o debate ideológico para não falar das coisas que realmente nos preocupam, sobre aquilo que realmente nos interessa. Até que chega alguém como Jesus que a desafia: “Se soubesses quem eu sou, serias tu a me pedir água”. E ali começa uma conversa que começa a ficar interessante: “Quem tu pensas ser? Achas que és maior do que o nosso pai Jacó, que fez este poço?”. Ainda o quer distrair. E Jesus repete a dose: “Se soubesses quem eu sou, serias tu a me pedir água viva, porque eu sou a fonte que jorra para a vida eterna”. Então, essa mulher, que sabe qual é o desejo do coração, que tem uma sede de felicidade que nem mesmo sete maridos puderam eliminar, se rende: “Dá-me desta água, para que eu não precise voltar aqui”. Tudo pode ser ocasião de um diálogo como esse. Tudo na vida pode ser “chegar a um poço”, que pode ser uma coisa banal, podemos deixar de lado e, assim, não acontece nada. No Evangelho, as coisas principais da vida acontecem em qualquer lugar. Não acontecem na Igreja, no templo de Jerusalém. Acontece ali, no diálogo com uma mulher ao lado de um poço; com Zaqueu, que está em cima de uma árvore; ou numa festa de casamento, nas bodas de Canã e num outro caso, num almoço com os publicanos... na vida. As coisas mais importantes da vida acontecem dentro da vida. Se a pessoa não fica bloqueada nas ideologias começa um diálogo que permite um encontro e, então, a vida se torna uma aventura fascinante porque cada coisa é uma ocasião de diálogo, de encontro, onde posso aprender e posso dar ao outro o conteúdo do meu parecer. É aí, nesse diálogo, que podemos compartilhar e fazer perguntas ao outro e começar a entender o que é bom para o meu país, a entender por que votar em um mais do que em outro. Mas é um caminho que podemos estar dispostos a fazer, ou nos fecharmos desde o início por causa de uma posição ideológica. E, então, não encontraremos ninguém, porque cada um está fechado em própria ideologia e não é possível fazer um caminho juntos. Mas nós precisamos entender que em muitas pessoas, por trás da primeira impressão ideológica, há um coração como o daquela mulher. Mais, por trás de cada homem, por trás da máscara da própria ideologia, há um coração que bate. E esse coração que bate é aquilo que podemos encontrar se tivermos a coragem de um diálogo assim, aberto, e não ficarmos fechados na ideologia. E, por isso, até as eleições, como para Jesus encontrar uma mulher perto de um poço, pode ser uma ocasião. Também para nós, nestas eleições, primeiro porque nós podemos aprender muitas coisas se estivermos abertos a ouvir

as razões dos outros; escutando as razões, podemos fazer perguntas para entender se estão convictos daquilo que dizem e, assim, podemos construir um caminho juntos para entender cada vez mais o que é o bom para o nosso país, e não ficar apáticos em relação a isso. Cada um, no fim desse percurso, deve perguntar-se como viveu a campanha eleitoral, que caminho fez. Como sempre, depois de um percurso de vida, a pessoa deve se perguntar: “Como vivi a minha vida? Como usei o tempo e os encontros que fiz? Em que isso serviu para viver melhor?”. Qualquer que seja o resultado das eleições...

Colocação: *Nos últimos meses uma série de acontecimentos em nossa família nos desafiaram de forma dramática. No dia primeiro de junho, nossa segunda filha, Helena, chegou ao mundo. E fomos surpreendidos pela notícia de que nossa bebê tem uma malformação no interior da boca, uma fissura platina. Quando recebi a notícia tudo o que pensava é que Deus estava permitindo aquilo e que Ele me ajudaria. Então meu primeiro instinto foi responder de forma prática ao que precisava ser feito. Ficamos dez dias na UTI pra que Helena fosse observada. Eu chegava a ficar 14 horas por dia sentada ao lado da incubadora ou com a Helena nos braços. Nestes dez dias de exaustão física, mental e muitas perguntas fui sustentada essencialmente pelas orações e pela presença de amigos que junto comigo percorreram aquele caminho. Eram visitas, caronas, acolhidas em suas casas, mensagens em papel e por celular. Naquele momento foi evidente que eu estava tomada por uma força que não era minha, vivendo aqueles dias doloridos com fé e disposição. Naquele período uma médica especialista nos disse que a malformação da Helena é primária e que pode acontecer por diversos fatores e também por nenhum. A médica disse que num recipiente com 649 bolas brancas eu tirei a única amarela! E foi então que eu não tive dúvidas de que a Helena foi feita assim para mim. Ao final dos dez dias voltamos para casa e na minha cabeça o pior já tinha passado e agora poderíamos recomeçar a viver protegidos em nossa casa. O que aconteceu é que ainda vestia aquela lente da doença e todas as vezes que olhava para minha Helena me batia uma dor e me perguntava: por que ela tem que passar por isso? E aquela postura inicial de aceitar de forma passiva a realidade que Deus me dava, foi se transformando numa angústia de que a promessa de felicidade não poderia se concretizar na minha vida tendo minha filha sua malformação. E todos os*

dias quando eu acordava eu pensava nas palavras do papa Francisco que diz que o católico tem de ser alegre. E eu pensava: ou eu não sou católica ou esse Papa está falando besteira. Eu simplesmente não entendia como eu poderia ser plenamente feliz sabendo que minha filha ainda iria passar por uma cirurgia e tudo mais. Quando a Helena estava com 40 dias de vida, eu tive uma crise de apendicite e precisei fazer uma cirurgia de emergência. Eu poderia ter um apendicite em qualquer momento da minha vida, mas ela me foi dada 30 dias depois de ter saído da UTI com minha filha. Desta provocação eu não teria como fugir; precisava dar de fato um juízo, pois a forma passiva como aceitei as circunstâncias inicialmente não me sustentava mais. E nos três dias em que fiquei internada, me dava conta de que enquanto eu estava lá, sendo cuidada pelo meu marido, minhas filhas estavam sendo cuidadas pelos seus avós e por nossos amigos. Fui observando que quando tudo que eu imaginava tinha dado errado, Ele cuidava de cada detalhe que eu jamais seria capaz de dar conta. Ele me dava as companhias, Ele dava às minhas filhas os cuidadores e eu me sentia profundamente amada. Ao chegar em casa comecei então a trabalhar com mais seriedade o texto dos Exercícios e me vi completamente descrita naquelas páginas. Muitas coisas vieram a tona e alguns amigos foram essenciais para que eu pudesse me despir do problema da Helena e entender que o problema da minha vida não é a fissura no céu da boca da minha filha ou o meu apêndice. E então me dei conta que a única possibilidade de transformar a dor em algo que de fato me preencha de esperança é o relacionamento. Cada dia a mais que tenho com ela é impossível não afirmar o meu amor profundo e sem fim por ela. É impossível não olhar para ela e dizer: como é perfeita! É impossível não me encantar com cada sorriso que ela me dá e me lembrar como sou amada. Amada de uma forma tão generosa que foi dada a mim a tarefa de zelar pela vida da Helena. E diante dessas constatações, aquela tristeza que me acometia com frequência vai sumindo aos poucos e o que permanece é vida da minha filha, o fato dela existir, o fato dela ter sido criada. E por Quem? Quem que me ama a ponto de colocar a vida da Helena dentro da minha de forma tão gratuita, sem eu “merecer”? E agora entendo com mais clareza por que o Papa afirma que um cristão tem que ser alegre: é porque mesmo diante das dificuldades, das adversidades e das dores, tem a certeza de ser amado e cuidado. E é por isso que estou de pé e, sobretudo, feliz! Obrigada

meu amigo, Carrón, por me ajudar a viver, me ajudar a entender que estou viva e sou amada e isso basta.

Carrón: Quando um acontecimento diz respeito ao dinheiro, diz respeito às eleições, à vida e à doença, quando começamos a ver que ilumina qualquer aspecto da vida, que com este acontecimento nós podemos viver tudo de maneira diferente, nova, então começamos a entender o alcance que tem e começamos a ser gratos. Qual é a ajuda que este acontecimento nos dá para olhar para a realidade de ter uma filha que nasce com uma malformação? A única possibilidade de transformar isso em um motivo de esperança é um relacionamento. Um relacionamento que faz com que eu me dê conta de que minha filha, mesmo assim, é dada, é criada por um Outro. Isto é, é um Outro que a ama. Como já ouvimos tantas vezes: “Amei-te com um amor eterno e tive piedade do teu nada”. Onde se vê isso? No fato de que somos feitos, de que ela é feita. Depois, devemos esperar e ver como o Mistério fará as coisas se desenvolverem. Mas nós podemos já estar certos de que qualquer que seja o desfecho, sabemos que Elena não existiria se não fosse feita por Alguém que a ama tanto. E isso nos diz mais do que todas as nossas análises porque nos permite olhar Elena em sua verdade. Não ficando só na aparência, não nos detendo só naquilo que vemos. Como uma mãe que não pode olhar só para o fato de ter uma filha com um limite: para ela, será sempre, não uma menina com um limite, mas será sempre sua filha. Isso nos faz entender de modo simples que, se para você não é uma menina com uma doença, mas a sua filha, o que deve ser, então, para o Mistério que a faz? Não uma menina com uma doença, mas uma filha. Elena existe porque há um amor na origem da sua vida que a está fazendo agora e, portanto, será Ele que a fará se desenvolver segundo um desígnio que devemos esperar para entender. Isto introduz a esperança.

MANAUS, 15 DE SETEMBRO DE 2014

Carrón: Queria apenas cumprimentar a todos e dizer que estou muito contente por estar com vocês, aqui, esta noite, porque há muito tempo eu esperava poder vir, mas as coisas acontecem quando o Senhor quer. E todas as coisas chegam, como chegou esta noite. Por isso, estou curioso para ouvir vocês e ver como vocês vivem, para acompanharmos-nos reciprocamente neste caminho.

Colocação: *Eu sou do início da experiência do Movimento aqui em Manaus, e fiquei muito fascinada quando encontrei com dois padres, que são o padre Massimo e o Giuliano. A minha vida a partir dali tomou um novo rumo, e tudo mudou. Olhando pra eles e pra essa companhia, eu digo que foi a coisa mais importante que aconteceu na minha estrada de vida. Encontrando o carisma de Dom Giussani eu me identifiquei de tal forma que eu digo: “Encontrei o meu lugar”. Esse é o meu lugar no mundo e é a partir desse acontecimento eu faço todas as coisas, que eu me lanço no mundo, no trabalho, nos relacionamentos. Caindo e levantando, caindo e levantando de novo, porque eu tenho para onde olhar, eu tenho uma companhia de amigos que sempre me dão a mão. Eu sou feliz por ter encontrado, por ter feito este encontro na minha vida, porque me deu significado, sentido. Com tudo o que aconteceu na minha vida eu sou feliz, porque tenho certeza de ser amada e que estes olhos de céu nunca me abandonaram em toda a estrada da minha vida. E eu sou muito grata por ter encontrado este carisma de Dom Giussani na minha história. Porém, depois de reconhecer tudo isso, e que eu sou uma pessoa feliz, tem um “mas”. É como se faltasse uma entrega total, é como se eu colocasse um freio e dissesse “aqui eu tomo conta”. É bem contraditório, até estúpido, mas é como dizer: “esse é o meu domínio, aqui é como se Cristo não entrasse”. Isso tem nos últimos tempos me enchido de perguntas, me feito correr mais atrás da Escola de Comunidade, da companhia, desta fonte inesgotável que o Movimento oferece, como um instrumento para que eu de fato me abandone. E eu não consigo fazer esse abandono. Essa é a minha principal dificuldade nesse caminho.*

Carrón: Essa é uma verdadeira questão! E acho que cada um de nós pode se reconhecer naquilo que você disse, porque somos gratos, estamos contentes

por aquilo que aconteceu em nossa vida, temos a certeza de sermos amados, mais ainda, de sermos amados assim como somos, com os nossos erros e as nossas dificuldades, com tudo aquilo que somos. Mas, ao mesmo tempo, é como se tudo isso não bastasse, como se tudo aquilo que o Mistério, Cristo, faz conosco não fosse suficiente para que nos entregássemos totalmente, como você diz. Temos uma espécie de resistência a essa entrega total, e isso é algo que todos nós sentimos. Quem de nós que está aqui esta noite não reconhece isso em si mesmo, independente do ponto do caminho em que se encontre? Isso nos enche de dor. E, então, é possível entender que alguém corra atrás da Escola de Comunidade, grite, porque, qual é a única possibilidade que temos, uma vez que somos incapazes de nos darmos aquilo que desejamos? E qual é a única modalidade que temos de viver essa dor? Reconhecer que apesar de todos os dons que recebemos e continuamos recebendo, somos incapazes de nos entregar. A única coisa que posso fazer por mim é pedir a Cristo, que deu a vida por nós, por mim, que vença essa resistência última que tenho, me mostre o Seu amor, a Sua ternura... porque assim reconhecemos toda a nossa incapacidade de salvarmos a nós mesmos. Foi a experiência que São Paulo fez: ele reconhecia que a sua vida tinha mudado de maneira estrepitosa. Tinha sido perseguidor de Cristo, da sua Igreja; tinha consciência do seu mal, mas quando encontrou Cristo, aconteceu nele uma mudança total, de 180 graus, quer dizer, fazia tudo o que estava em suas mãos, mas depois, precisou reconhecer que às vezes via o bem e não conseguia aderir a todo o bem que via. Por isso, se perguntava: “Quem nos libertará desta situação mortal? Somente, Tu, ó Cristo, pode nos libertar dessa situação”. E nós podemos, como o pobre publicano que vai ao templo, estar ali no último banco da igreja, pedindo que Cristo tenha misericórdia de nós, que vença mais uma vez a nossa resistência. Quando Ele chega e vence, quando, em algum momento, estamos disponíveis a ceder, é isso o que o Mistério, que Cristo, abraça em nós, porque essa nossa disponibilidade última é o que nos salva; não aquilo que conseguimos fazer, mas aquilo que desejamos fazer. Sempre me lembro do bom ladrão que está na cruz ao lado de Jesus e que, no último momento, cede. E, nesse ceder, recebe todo o abraço de Cristo. E sobre o último momento da vida, a Igreja sempre nos disse: tudo o que o Senhor preza em nós, é que cedamos no último momento. Quer dizer que todo o nosso desejo se torna a chave da nossa salvação. Tanto que a Igreja

diz que se nós nos arrependemos no último momento, somos salvos, qualquer coisa que tenha acontecido na vida, qualquer resistência que tenhamos tido, mesmo quando não fomos capazes de vencer essa resistência que carregamos. Se no último momento temos aquele instante de lucidez que nos faz dizer: “Cristo, eu não consigo, faça Tu aquilo que eu não consigo”, é isso o que nos abre a porta da misericórdia. O bonito disso, é que Dom Giussani nos educou a que cada instante da vida pode ser o último, isto é, que se eu digo agora, mesmo que eu não consiga ceder, “quero ser todo seu, Cristo meu”, é isso o que determina o meu relacionamento com Cristo; não aquilo que eu consigo fazer, mas aquilo que eu desejo, espero, aquilo que eu peço. Por isso, me toca tanto que ele sempre tenha nos dito, citando uma frase de uma das cartas de São João: “Quem tem essa esperança se purifica como Ele é puro”. A esperança é algo que não temos, que esperamos. Esperamos ceder e não resistir mais. Impressionou-me muito que um dos colaboradores mais próximos do Papa tenha dito como o impressiona a concepção da esperança que o Papa tem, e que é semelhante à de Dom Giussani, que citei: que Deus nos olha por aquilo que nós esperamos. Nós esperamos que a qualquer momento possamos definitivamente ceder e, portanto, abandonarmo-nos, entregarmos-nos completamente. Essa é a nossa esperança, e quem tem essa esperança se purifica de tudo aquilo que falta, no tempo, segundo um desígnio que não é nosso, porque Ele é puro.

Colocação: *Querida começar lendo um trecho da Escola de Comunidade: a scuola di comunità. “É possível que olhar no fundo dos olhos possa fazer esquecer o inferno? Para poder compreender essa frase, é preciso ter visto brilhar nos olhos de uma pessoa o Ser que a faz existir agora. Para que o inferno não se apague só sentimentalmente, é preciso que os olhos vibrem de uma maneira tal que não me deixem ficar na aparência da vibração, mas que eu seja impulsionado a ver, nessa vibração dos olhos, o Ser que os faz vibrar assim”. Eu vi brilhar estes olhos no Bracco quando ele esteve em minha casa em janeiro deste ano e foi algo que realmente mudou a minha vida em 180 graus. E esta mudança acontece nos pequenos detalhes do dia a dia. O que eu busco, o que é o essencial pra mim, começou a se dar a partir deste encontro, quando eu primeiramente comecei a me dar conta do que é que não era essencial pra mim. Eu começo a me dar conta da mudança na*

minha vida quando eu olho pra mim e vejo que eu saio de um estado de uma pessoa totalmente egoísta pra uma outra que consegue olhar mais para os filhos, para o marido, para os amigos e para o trabalho. É uma mudança que gera em mim um pedido não para que os problemas sejam resolvidos, para que eles acabem, mas para que eu possa ver Cristo na minha vida, para que eu possa ver Cristo manifestado em cada problema que surge, para que eu possa ver Cristo em cada amigo. É uma mudança que me faz rezar todos os dias por cada membro do meu grupo de Fraternidade e perceber que essa oração não é que necessariamente vai provocar uma mudança em cada um deles, mas é primeiramente em mim. Porque cresce em mim um amor muito grande por cada um deles, e uma necessidade de estar com eles. Eu preciso desse grupo que me ajuda, que me ajuda a me manter no caminho. É uma mudança em que diante do meu marido, eu não peço que ele mude para que a gente tenha menos conflitos e menos discussões em casa, mas eu começo a pedir um coração mais dócil pra mim dentro desse relacionamento. E não é que eu consiga sempre, mas o pedido já é uma mudança. Então, o que eu busco? Busco que eu seja menos fragmentada na minha vida, que eu seja inteira no trabalho, na família, com os amigos, comigo, dentro daquilo que eu acredito. Isso se manifesta em todas estas mudanças que estão acontecendo e que aconteceram de lá pra cá. Não que eu não erre mais, não que eu não tenha problemas. Tudo continua do mesmo jeito, mas a minha postura diante disso é que está mudando, quando eu acordo e peço que eu possa ver Cristo no meu dia.

Carrón: É muito bonito aquilo que ela leu no início sobre a música *Ojos de Cielo* (Olhos de Céu), porque é uma coisa que me tocou muito e, por isso, falei nos Exercícios. Porque, quem não deseja poder olhar no fundo dos olhos de uma pessoa e ter o inferno apagado por isso? A questão é: isso é apenas uma coisa sentimental ou algo verdadeiro, real? Quando isso não é sentimental? Quando nós, para podermos ver vibrar os olhos de uma pessoa, reconhecemos que existe Alguém que os está fazendo vibrar, porque quando alguém vê os olhos de outra pessoa vibrar com uma intensidade a qual podemos dizer que não é a pessoa que os está fazendo vibrar assim, mas um Outro, ficamos maravilhados diante de tal espetáculo. É isso o que apaga o inferno, porque o que vemos vibrar não é apenas a pessoa ou o sentimento que nós experimentamos diante

dela; aquela vibração é feita por um Outro, a pessoa não pode se dar a vibração que tem, é o Ser que a faz que vibra naqueles olhos. É Cristo que faz aquele ser, que faz vibrar os seus olhos. Sem isto, seria apenas sentimento. Nós reconhecemos que não podemos parar na aparência do sentimento, quando nos damos conta de que o sentimento não basta para explicar aquilo que vibra, quando nós reconhecemos que é Cristo que está por trás daquela vibração. Isso me faz lembrar de Maria Madalena, do modo como ela ouviu alguém dizer “Maria”, toda a vibração que sentiu dentro de si por causa do modo como aquele homem a olhava, um olhar que não poderia existir em qualquer homem, somente Cristo poderia olhá-la assim, somente Cristo poderia gerar um olhar assim. É o mesmo olhar que vemos em cada página do Evangelho, é o mesmo olhar que olha para Zaqueu, é o mesmo olhar que olha para Mateus no quadro de Caravaggio, que mostra o olhar de Jesus a Mateus que parece dizer, impressionado: “Está mesmo olhando para mim desse modo?”. É o mesmo olhar que recebe o bom ladrão. É isso o que apaga o inferno. Mas a questão é que vejamos o que apaga o inferno no olhar de um outro, que o vejamos vibrar nos olhos de alguém. E isso nos muda tão potentemente que muda o nosso olhar sobre tudo: sobre o marido, sobre os filhos, sobre o trabalho. Vemos em nós uma unidade, e o que torna a vida una é esse olhar, o reconhecimento de alguém que me ama desse modo. É por causa disso que nós, como dizíamos antes, somos realmente gratos e contentes. Isto é o que nós vimos vibrar de um modo único em Dom Giussani.

Nestes dias, uma amiga nossa contava um episódio que aconteceu com ela certa vez quando falava com Dom Giussani. Vocês a conhecem, pelo menos através da revista; chama-se Rose, da Uganda, e nós a veremos no vídeo do qual falaremos depois. Certa vez, ela foi se encontrar com Dom Giussani e ele, olhando para ela, disse: “Olha, Rose, mesmo se você estivesse sozinha no mundo, Cristo viria por você, teria morrido por você”. Ou seja, encontrar este olhar que apaga o inferno. Porque, ouvir alguém dizer que mesmo se eu estivesse sozinha no mundo, eu... – e todos sabemos que não somos nada, que somos pecadores, pobres coitados –, que alguém me diga que mesmo se eu estivesse sozinha, assim como sou, Cristo teria vindo por mim, digam-me se a alguém que ouvisse isso, o inferno não seria apagado? É isso o que consegue despertar uma unidade da vida que não se apaga mais. Ou seja, podemos errar, nos esquecer, mas não poderemos não viver daquele olhar que mudou a nossa

vida. Então, o desejo de encontrar os outros da Fraternidade é para lembrar isso, esse evento que nos aconteceu, esperando encontrar neles aquele olhar que me fez mudar desse modo.

***Colocação.** Durante o ano há uma espera muito grande pelo acampamento do feriado de 7 de setembro, porque é uma coisa fora do comum, algo que a gente não faz todo fim de semana, então a gente se prepara. Antes do evento deste ano eu tinha passado os dias um pouco nervosa, angustiada com a vida, do modo como ela corria e as coisas iam acontecendo e eu me sentia um pouco perdida, perdendo algumas coisas. Durante o acampamento a pergunta que foi colocada foi: “o que buscais?”. E de início não foi uma pergunta que me provocou tanto, mas a resposta a ela me tornou uma pessoa diferente. Quando me perguntaram o que eu buscava, isso me pegou de um jeito que eu não esperava que acontecesse, porque eu estou acostumada a ir às Escolas de Comunidade todos os sábados, e tinha sempre uma resposta pronta, e conseguia interpretar os textos de um jeito plausível, mas aquilo me deixou desconcertada. E eu percebi que o que eu buscava era aquele olhar que eu tinha para o acampamento todas as vezes que ele acontecia, de ir pra lá e ver naquelas pessoas um abraço de verdade. Isso me encheu de gratidão porque eu vi que não importava o que acontecesse eu não podia largar isso. Esse acontecimento, esse encontro me fez diferente e agora as minhas coisas, o que eu faço, o meu estudo, tudo acaba seguindo essa linha de pensamento, esse olhar que tive pelo acampamento e que as pessoas tiveram por mim. Isso me enche de gratidão e me faz querer me tornar uma pessoa diferente para as outras coisas no dia a dia. Esse maravilhamento de como a gente viu o acampamento me fez viver isso de um jeito muito concreto, e é uma coisa que eu não consigo mais largar. A vida sem esse olhar é tediosa e sem motivo pra continuar. O fato de ter o olhar de Cristo sobre a minha realidade que parece tão banal – eu não tenho nem 18 anos, eu sou estudante, tenho uma vida sem muitos problemas –, mas ainda assim eu me sinto abraçada como alguém importante, e isso mudou a minha realidade.*

Carrón: O que Cristo introduz que a pessoa não consegue se desligar daquele olhar? Porque a pessoa pode chegar a um gesto como o acampamento, perdida na vida, e nem mesmo a primeira provocação que lhe é feita, “o que buscais?”,

a toca. Mas, num certo momento, e foi muito agudo aquilo que nossa amiga disse, em algum momento ela voltou à pergunta “o que buscais?”, e fez uma comparação entre aquela pergunta e as tantas vezes que vai à Escola de Comunidade com a resposta pronta. Esta é uma modalidade de fazer Escola de Comunidade que, no fundo, não responde, porque já chegamos com as respostas adequadas. Qual é o valor de começar o gesto com esta pergunta: “o que buscais?”? É impressionante que a primeira frase do Evangelho seja exatamente esta: “O que buscais?”. Ou seja, Jesus não começa dando respostas, mas fazendo perguntas. E isso é realmente impressionante, porque Ele, que é a resposta para tudo, começa fazendo perguntas. Fiquei impressionado que, exatamente pensando nesta frase que escolhemos para as férias deste verão, pensando nesta frase lembrei-me que, na verdade, em muitas ocasiões, ao longo do Evangelho, Jesus continua fazendo perguntas: “E vós, quem dizeis que eu sou?”. Alguns dizem que é João Batista, outros que é Jeremias, outros que é um profeta, “e vós, quem dizeis que eu sou?”. Quando todos o abandonam depois de ter falado sobre o pão da vida, não é que Jesus lhes diz: “Fiquem pelo menos vocês, não me deixem sozinho”. Ele os desafia mais uma vez: “Vós também quereis ir embora?”. Sempre provoca a uma resposta, e faz isso até o fim, depois da negação de Pedro, quando aparece para ele depois da ressurreição e lhe pergunta: “Tu me amas?”.

Jesus não quer dar respostas prontas, nem que já tenhamos respostas para as perguntas guardadas em uma caixa. Ele quer despertar em nós a pergunta. É curioso que quando Letícia viu despertar em si a pergunta, começou a dar-se conta do que desejava. Ou seja, foi quando começou a não se sentir mais perdida, começa a estar presente no acampamento, começa a ver o que, naquele momento, ela deseja, procura. Como se somente naquele momento começasse a dar-se conta de que aquilo que busca é um olhar, um abraço. Só podemos interceptar a resposta porque temos a pergunta, porque se não tivermos a pergunta, mesmo que tenhamos a resposta não a reconheceremos. Nesse aspecto, eu sou muito grato pelos desafios que a vida me coloca constantemente, pelas perguntas que vocês me fazem, pelas objeções que alguém me faz, pelas coisas que vocês me contam porque, depois, eu volto para casa com essas perguntas. Às vezes, eu vou dormir e acordo com essas perguntas. É diferente rezar o *Angelus* com uma pergunta. Experimentem ir dormir esta noite e, amanhã de manhã, acordar e fazer novamente esta

pergunta: “o que buscais?”, e vocês verão como a vida começará a mudar, porque essa pergunta me obriga a ser eu e não viver mecanicamente aquilo que preciso fazer. Porque quantas vezes nos levantamos de manhã e já entramos na rotina, preocupados com aquilo que precisamos fazer, sem fazermos uma pergunta desse tipo durante o dia todo! Imaginem que vocês façam essa pergunta assim que acordarem, que o Mistério, que Cristo tem tanta piedade do nosso nada, de nós que tantas vezes vivemos perdidos, como dizia Letícia, que torna novamente viva em nós pergunta “o que buscais?”. Se alguém, em algum momento, experimenta esse contragolpe, imaginem como, depois, reza o *Angelus*. [Aquilo que sugerimos: rezemos o *Angelus* pela manhã. Como poderemos fazer este gesto, que é uma modalidade com a qual Cristo vem ao nosso encontro, à nossa procura?]. Tenho certeza de que este gesto começará a deixar de ser formal. E todos os gestos quando feitos assim, começam a deixar de ser formais. Dou-me conta de que alguém me olha assim, com a mesma pergunta que Jesus fez para os discípulos: “o que buscais?”, e não consegue separar-se desse olhar. Porque é como se alguém me perguntasse: “Você quer ser aquilo que você realmente deseja, procura?”. Impressiona-me ainda mais o fato de que exista Alguém que não se cansa de me procurar para me fazer essa pergunta. Imaginem que tipo de paixão Jesus tem por cada um de nós, para nos procurar a cada instante, independente da nossa distração, do nosso estar perdidos, da nossa confusão, e nos perguntar: “você, o que busca na vida?”. Digam-me se existe alguém que ama mais a vida do que alguém que nos faz uma pergunta assim! Porque alguém que nos faz uma pergunta assim, sem nos dar logo uma resposta formal, pronta, é Ele próprio a resposta, porque está despertando todo o meu eu. Porque é alguém que olha para você e lhe ama tanto que lhe diz: “Você não pode se contentar de ser assim”.

Mas quem é este que me ama tanto, que ama tanto a minha vida a ponto de me dizer que não posso me contentar com isso? Por isso, me impressiona como Dom Giussani lê algumas passagens do Evangelho de maneira diferente de nós. Uma das frases que ele mais repetiu desde o início do Movimento é “de que serve ganhar o mundo inteiro se a pessoa perde a si mesma?”. Muitas vezes nós a interpretamos como uma frase muito exigente, como uma repreensão por algo que, no fundo, não estamos fazendo bem, como se preferíssemos alguma outra coisa no lugar de Jesus. Mas Giussani a lê como eu dizia antes, como alguém que percebe que não existe mãe que diga a seu

filho uma frase como Jesus nos diz. Não há um amor maior do que o de Jesus, e nem mesmo uma mãe é capaz de dizer isso ao seu filho. E isso mostra o que é Jesus, que me torna consciente daquilo que eu busco. Por isso, entendo aquilo que Leticia diz, que não consegue se separar desse olhar. É esse olhar que apaga o inferno. Por isso, quando alguém encontra um companheiro de caminho, mesmo menor, que nos diz uma coisa assim, é um bem para todos.

Colocação: *Sábado na minha Fraternidade retomamos as perguntas indicadas para essa assembleia: “O que buscais? Quais são as dificuldades que encontramos?”. Essa reunião foi um momento muito bonito, porque eu me dei conta de muita coisa. Enquanto os meus amigos falavam como eles encontravam Cristo, como se dava isso na vida deles, eu pensei que isso se dava de forma inversa comigo. Eu ficava procurando como é que eu encontro, como é que eu vivo Cristo na minha vida, na minha realidade, no meu trabalho, no relacionamento com a minha filha, com a minha família. As coisas mais simples pra mim parecem que cortam na carne, parece que algo que é simples para um outro, para mim trava, parece que a minha humanidade é mais solicitada. E nesse processo de ficar me questionando, buscando, eu só via o rosto de algumas pessoas. E tentando responder como é que acontecia esse encontro com algumas pessoas, me vinha o rosto do padre Massimo, da Rita, de pessoas que me acompanharam no caminho preciso da minha vida quando eu saí de casa quando eu tinha meus 20 anos. Eu fiquei me perguntando porque eu quero ficar procurando de forma esquemática onde está Cristo na minha vida se eu tenho pessoas que foram Cristo pra mim. Estar aqui hoje pra mim é reconhecer que eu preciso dessa Fraternidade, que são os meus amigos do CLU de vinte anos atrás, que vivem de forma tão bela, que eu quero essa beleza para a minha vida. Vejo que Cristo passa por essas pessoas e eu preciso da misericórdia de Cristo que passa através desses relacionamentos. Olhar para essas pessoas pra mim hoje é fundamental para eu poder viver a minha fé em Deus, a minha fé na Igreja.*

Carrón: É impressionante! Se nós conseguíssemos perceber aquilo que dizemos, tudo seria realmente diferente. Que uma pessoa fale como ela – mas todos vocês que estão aqui, de um modo ou de outro – de coisas que aconteceram há vinte anos ou mais, que alguém não possa esquecer o olhar de

certas pessoas que marcaram a vida... quem no mundo pode viver uma coisa do gênero? A quantos dos amigos que conhecemos aconteceu uma coisa do gênero? Porque é isso o que nos torna realmente gratos pelo resto da vida. Porque, o que nos diz um olhar do qual 20 anos depois eu ainda dependo, pelo qual 20 anos depois ainda sou marcado? Para entender realmente o alcance disso a pessoa precisa fazer uma comparação. Na vida nos acontecem milhares de coisas. Todos os dias as coisas estão acontecendo; a vida não para, é cheia de provocações, encontros, circunstâncias. Por que ela fala de um fato que lhe aconteceu há tantos anos e que ainda tem estampado nos olhos, que a comove ainda hoje, vinte anos depois? Porque somente entendendo isso é possível compreender a primeira página do Evangelho de São João, o qual Dom Giussani citou tantas vezes, que fala sobre o encontro de João e André com Jesus os quais, tantos anos depois, 60-70 anos depois, ainda se lembravam até da hora, como ela. Quem é este? Este é o olhar que apaga o inferno pelo resto da vida. Podemos ser frágeis, podemos nos distrair, podemos tê-lo desprezado muitas vezes na vida, mas não conseguimos arrancar de nós este olhar. Recentemente me contaram, em Milão, sobre um amigo que tinha saído do Movimento há 17 anos e telefonou para alguém da Fraternidade para perguntar: “Vocês ainda se encontram?”. E o outro lhe respondeu: “Sim”. “Posso ir à reunião também? Porque não aguento mais a saudade!”. O que acontece na vida para que uma pessoa, depois de 17 anos, como ele, possa viver isso, mesmo tendo ido embora. Se não olhamos para uma coisa assim, que é muito simples de olhar, não podemos entender toda a diferença, todo o alcance daquilo que estamos dizendo, a diferença entre este olhar e qualquer outro olhar que encontramos na vida. Porque todos nós encontramos milhares de pessoas, mas falamos de certos olhares, de certas pessoas, com nome e sobrenome. Não somos leais àquilo que nos aconteceu se não olhamos ali e nos perguntamos: por quê, qual é a razão pela qual eu ainda sou marcado por isso? Porque quando dizemos a palavra Cristo não falamos de um sentimento ou de uma lista de coisas que devemos fazer, estamos falando disso, estamos falando de um olhar que não conseguimos mais arrancar de nós. Isto é Cristo. Todo o resto, que muitas vezes chamamos de Cristo, não tem nada a ver. Aquilo a que muitas vezes nós reduzimos Cristo, não é ele. Cristo é isto, real! E, paradoxalmente, aquilo que ela disse, e o que disse aquele outro depois de 17 anos, ou o que tantos de nós podem dizer, todos nós, é exatamente aquilo

que João fala do encontro com Jesus. Nós, quando nos encontramos com uma pessoa na qual vemos esse olhar, não encontramos a pessoa, encontramos naquela pessoa o olhar que João e André viram. Não é que nós dizemos “Cristo” por modo de dizer, porque não temos outra coisa a dizer ou porque somos visionários. Nós dizemos Cristo porque esse olhar entrou no mundo naquele preciso momento e, 60-70 anos depois, João escreve sobre aquele episódio, aquele momento que tinha marcado toda a sua vida e que não pode mais eliminar da face da terra, da face da sua vida e, se vocês perceberem, está dizendo a mesma coisa que ele disse, e que cada um de nós pode dizer. Não é que nós digamos “Cristo” para nos consolarmos, só para dizer “Cristo”. Nós dizemos a palavra “Cristo” porque é a única coisa que explica aquilo que nos aconteceu e que não podemos arrancar de nós, como João e André. Por isso, nós somos gratos.

Esse encontro não cancelou todos os dramas da nossa vida, mas apagou o inferno definitivamente. Não podemos olhar para a nossa vida sem olhá-la com aqueles olhos. E é por isso que somos gratos a Dom Giussani, porque nos olhou assim. Porque nós pertencemos a Cristo, porque Cristo deu a Dom Giussani a graça com a qual todos nós fomos olhados. Através de Dom Giussani, Cristo olhou para Dom Giuliano, para Dom Massimo e para nós. É isso o que chamamos de carisma: um dom de Cristo a uma pessoa concreta que gerou a todos nós. Por isso, neste ano em que celebramos o 60º aniversário do Movimento e o 10º aniversário da morte de Dom Giussani, não podemos deixar de festejar isso. E qual é a única maneira de festejar? Segui-lo! Não há outra maneira de festejar senão o seguimento. Quer dizer, o que podemos fazer para tornar Dom Giussani contente, para agradecê-lo? O que o faria mais contente do que tudo? Que nós o sigamos. Não porque quer que o sigamos, mas porque podemos viver toda a plenitude que ele vivia quando nos comunicava essas coisas. Por isso, estou contente de ter vindo aqui nesta ocasião para reviver com todos vocês aquele início, aquele início que é o início de cada início, o início deste ano, deste aniversário. E é fácil, como ela dizia, basta que a pessoa se dê conta daquilo que lhe aconteceu. Porque, então, a vida se torna diferente, não porque não erramos, não porque sejam eliminados todos os desafios da vida, ou porque não temos mais problemas, mas porque nós podemos olhar para tudo através daquela companhia de Cristo que carregamos em cada fibra do nosso ser.

Colocação: *Tenho 69 anos, pela graça de Deus, e 35 anos de Movimento, com muita gratidão! A primeira pergunta: o que eu procuro? Eu procuro ser feliz todos os dias da minha vida, renovando aquele encontro aquele segundo encontro que Cristo fez comigo, porque o primeiro foi no Batismo. O segundo foi ter encontrado uma pessoa de carne e osso que me fez entender qual era a minha verdadeira identidade, que foram o padre Massimo e o padre Giuliano, que agora é Bispo. Eu agradeço muito a ligação que Cristo fez entre Dom Giussani, e eles, e eu. Como isso acontece pra eu ser feliz todos os dias renovando este encontro? Através da necessidade que eu tenho de ser fiel aos instrumentos, às orações, e ao encontro com as pessoas que o Senhor colocou na minha vida. E sobre a leitura do texto, eu tenho uma pergunta a fazer. Na p. 18 fala de Madalena e Mateus, que quando encontraram Cristo, não quiseram mais nada na vida, não podiam mais ficar sem Ele, de manhã até a noite. E isso acontece na minha vida, e não é porque me mandam fazer isso, mas é uma necessidade mesmo. Eu dependo de Cristo porque Ele corresponde à minha felicidade. Eu quero ser feliz todos os dias, então eu me agarro nas coisas d’Ele, que Ele me manda através do Movimento. Então, a pergunta é esta: como eu falo muito isso, uma pessoa me falou que eu corro o risco de ser uma pessoa fanática se eu continuar assim, vendo Cristo em tudo e desejando Cristo pra todos. Eu queria saber se eu corro realmente este risco.*

Carrón: Seguindo o Movimento nunca nos tornaremos fanáticos. A questão é se nós seguimos o Movimento. O Movimento foi reconhecido pela Igreja, portanto, nós estamos no caminho certo. Nós não queremos outra coisa a não ser seguir aquilo que vimos florescer na humanidade de Dom Giussani. Que nós não queiramos que nada, como acontece nos grandes eventos da vida, que nada fique de fora daquele acontecimento, é normal. Giussani sempre citou a famosa frase: “na história de um grande amor, tudo se torna acontecimento no seu âmbito”. Ontem, em São Paulo, fiquei impressionado porque as perguntas que eram feitas na assembleia mostravam que cada um de nós procura que este acontecimento que nos alcançou tenha a ver com toda a vida. Por exemplo, apareceu uma pessoa que dizia “eu quero usar o dinheiro por causa daquilo que me aconteceu”. E uma outra, que disse: “Eu quero viver até o período da eleições com essa consciência”, e assim por diante. Todos mostravam o desejo de que essa luz, essa potência que Cristo

introduziu na vida, entrase em todos os detalhes da vida. Se isso significa ser fanático, eu sou fanático porque não quero que nada fique fora da salvação que Cristo introduziu na vida. Porque aquilo que não é abraçado por Cristo não é salvo, como já diziam os Padres da Igreja. É o reconhecimento de que Cristo salva tudo e, portanto, que não é preciso renegar nada do humano que há em nós, dos desafios que precisamos viver. Por isso, os convido mais uma vez a verificar que deixar entrar Cristo não é como aceitar que um estranho se infiltre na vida, mas que ele é Aquele que torna tudo cem vezes muito melhor do que nós pensávamos! Mas quem pode estar convencido disso? Somente quem faz experiência disso. E quem pode fazer a experiência é aquele que arrisca deixá-Lo entrar em cada aspecto da vida. Como dizíamos no início, e com isso podemos concluir, nós resistimos. Aceitamos deixá-Lo entrar em certos aspectos da vida e em outros, não. Em outros, nós resistimos. Mas nós podemos ceder ao desejo de que aquilo que nós experimentamos, que Cristo, entre e ilumine tudo.

BRASÍLIA, 16 DE SETEMBRO DE 2014

Colocação: *Queria contar um pouco das experiências que tenho vivido nesses últimos dias. Primeiro, começou com a ida às férias nacionais de CL, aonde fui com vontade de viver mesmo aqueles dias, mas fui porque o lugar era bonito e o preço estava em conta. Na verdade não fui esperando uma experiência. E chegando lá me deparei logo com esta pergunta: o que buscais? Mas houve um momento nas férias, mesmo com tantas pessoas e tantas coisas pra fazer, em que eu me senti muito sozinha. E quando eu estava sentada perto da praia, me lembrei das coisas que o Bracco tinha dito quando falou que era pra vivermos aqueles dias abertos, que não ficássemos fechados como num castelo, mas que ficássemos abertos. E olhando para aquelas coisas, olhando para o mar, aquela paisagem bonita, eu me dei conta de que o amor de Cristo por mim era muito grande, por me fazer estar ali e também por me dar pessoas que me ajudam a olhar para aquela solidão e dizer: “Mas não é isso! Eu posso estar rodeada de pessoas e me sentir sozinha, mas olhar para onde eu estou, estar aqui, já me mostra que Cristo tem uma afeição muito grande por mim”. E quando voltei eu estava muito contente, com vontade de fazer Escola de Comunidade. E na mesma semana em que voltei, eu, meu esposo e meu filho fomos assaltados e levaram o carro. E na assembleia até falei que eu estava muito agradecida por isso ter acontecido da forma como aconteceu, porque quando eu voltei estava tão cheia que olhar para aquele assalto não me trazia uma grande dor mas eu ficava muito grata por não ter acontecido nada mais grave comigo, com meu filho. Na mesma semana em que fomos assaltados, na quinta-feira, meu irmão faleceu e eu falei: “Meu Deus! Duas tragédias na mesma semana”. Mas retomando todo o caminho que eu tinha feito nas férias, percebi que mesmo dentro da morte do meu irmão havia uma coisa boa: Ele cuidava! Olhar para minha mãe que foi sustentada todo o tempo pela oração, ver que ela é uma pessoa de muita fé; ver a misericórdia de Cristo pelo meu irmão. Reconhecer isso me deixava tranquila, e mesmo com todas essas coisas, eu tinha certeza de que tudo estava acontecendo não para me destruir, mas que Cristo fazia um caminho muito grande comigo e eu estava muito serena, muito tranquila. Depois eu fiquei muito provocada, com várias perguntas, porque todo mundo falava: “Ah, que bonito que você reconheceu essas coisas”. E fiquei me perguntando:*

mas por que eu tenho essa certeza? Por que diante de todas essas coisas eu estou serena? Pois não é óbvio que eu sou forte, não é por causa disso; e ler o texto que fala do caminho da maturidade me fez ter mais certeza ainda daquilo que eu estava sentindo porque depois foi acontecendo um monte de coisas: bateram no carro reserva, a mãe do meu marido foi pra UTI, no serviço fui trocada de setor... Um monte de coisas e, pra variar, quando cheguei em casa tinham cortado a água do prédio. Foi uma sequência de tragédias e eu pensava: “Meu Deus, o que é isso?”. E quando eu li o texto que fala do caminho da maturidade, eu me dei conta de todo o caminho que Cristo já fez comigo e de toda a experiência que eu já fiz. Então, olhar para as coisas que aconteceram me faz ter certeza de que hoje é um caminho também, pois se no momento em que eu achava que estava tudo perdido Cristo cuidou e me mostrou que tinha uma coisa boa, então dentro dessas coisas também existe uma coisa boa e Ele se impõe na realidade. Porque eu tenho certeza que Ele me ama demais. E aí, dentro dessas coisas que acontecem, Ele me mostra que eu sou muito mais feliz do que se elas fossem do jeito que eu quero, porque isso me desafia a todo o tempo e me faz reconhecer ainda mais a presença d’Ele. Eu tenho essa certeza, mas ainda tenho todo um medo. Vejo que é o mesmo caminho que os discípulos fizeram: mesmo vendo Cristo fazer todos aqueles milagres eles ficavam com medo. Eu também olho para minha vida e vejo todos os milagres, todo o caminho que Cristo já fez comigo e eu também tenho medo, mas é olhando para essas experiências que eu já fiz, que eu tenho certeza de que o caminho que vou viver é bonito, que tem muita coisa bela e eu quero mesmo estar aberta para tudo o que for me acontecer. A coisa que me chama mais atenção no texto é quando Dom Giussani fala “não esperem um milagre, mas um caminho”, e é o que eu estou esperando.

Carrón: Boa noite, é um prazer para mim estar aqui com vocês, em Brasília, pela primeira vez. É sempre uma belíssima ocasião para compartilhar o caminho que cada um está vivendo, porque nos faz entender como o Movimento, o carisma que Dom Giussani recebeu nos educa, para enfrentarmos todos os desafios da vida. Por exemplo, ela começou falando sobre as férias: Dom Giussani sempre nos propôs, desde o início do Movimento, fazermos alguns momentos juntos como paradigma do que é a vida, isto é, para podermos viver juntos todas as circunstâncias da vida cotidiana, para podermos ter uma

imagem do que quer dizer viver a vida como cristãos. E o alcance educativo de um gesto como este, entre outros gestos que normalmente fazemos juntos, nos faz entender como este gesto, se é vivido bem, pode nos ajudar, não a nos isolarmos da vida, não a vivê-lo como se fosse um ideal qualquer que está fora da vida, como algo virtual que está fora da vida, mas a vermos que nas férias acontecem as mesmas coisas que acontecem na vida. A pessoa pode chegar lá e se sentir sozinha. Está junto com os outros, e todos estão contentes porque ela está ali, mas se sente só. Essa solidão é imediatamente desafiada pela pergunta que era o tema das férias: “o que buscais?”. Ela sentiu-se imediatamente provocada por essa pergunta. E como começou a encontrar resposta a essa pergunta? Primeiro, já o fato de sentir-se provocada, é um fator decisivo. Porque, muitas vezes, quando alguém se vê ali fechado, sozinho, se deixa levar ao invés de sentir-se provocado pela realidade. Mas ela, naquele momento, lembrou-se de que alguém lhe disse que talvez a postura mais adequada para viver aqueles dias seria estar aberta. Alguém que oferece uma hipótese de trabalho para viver aquela circunstância ali, de solidão. Quantas vezes, quando estamos diante de uma situação de vida que não sabemos como enfrentar, desejamos que exista alguém que nos ofereça alguma sugestão para viver aquela situação. E ela estava ali e começou a se lembrar de uma sugestão: que estar aberta pode ser a postura certa diante da vida. É isso o que estava dentro da pergunta “o que buscais?”. E ela começa a estar inteiramente presente diante daquilo que acontece: é como se, vivendo a vida normal, vivendo um gesto normal como passar alguns dias de descanso juntos, a pessoa começasse a aprender a viver. E, com essa abertura, começa a dar-se conta da beleza que a rodeia. E ela descreve isso: “era como se através daquela beleza eu me desse conta de que havia um Outro que me amava”. Assim, sem falar e sem colocar em discussão a solidão, ela começou a viver não mais sozinha, porque descobriu naquela beleza a companhia mais verdadeira, que é a companhia de um Outro maior do que ela que fazia aquela beleza. Isso é impressionante porque nós, muitas vezes, acreditamos que podemos sair da solidão apenas de maneira sentimental, mas a realidade, com a sua beleza nos solicita, nos torna conscientes de que ali, naquele momento, qualquer que seja a situação, existe um Outro que está fazendo aquilo que estamos vivendo e que responde à nossa solidão. Como podemos verificar que estamos fazendo uma experiência bonita e que não é somente um momento

sentimental, mas que naquele momento das férias aprendemos a viver o real? Porque quando as férias terminam, a vida continua, com todos os desafios, e ela precisa enfrentar o assalto, a morte do irmão. E como os enfrenta? É aqui que podemos verificar aquilo que vivemos durante as férias. O que vivemos juntos é capaz de nos tornar tão certos da Sua presença a ponto de nos permitir enfrentar o assalto e a morte? É isso o que ela nos testemunha: que a certeza que ela está alcançando através do caminho da vida, permite estar diante de todas as circunstâncias boas ou ruins de um modo diferente, novo. E então ela entendeu que para chegar a essa certeza, é necessário um caminho, um caminho na vida. É o caminho da maturidade da fé, que não acontece ao largo da vida, mas dentro da vida. Que Deus entrou na história humana com Jesus e, acompanhando os discípulos, vivendo todos os desafios da vida, dentro da vida, conseguiu fazê-los certos de que não estavam mais sozinhos com o próprio nada! E isso fez com que eles vivessem a vida com uma diversidade, uma novidade, que antes não sabiam como lidar. Nós somos cristãos por causa disso. Não porque temos visões ou somos melhores do que os outros, mas porque encontramos uma Presença na vida que faz com que comecemos a viver tudo com essa novidade. E aquilo que Cristo disse: “estou convosco todos os dias até o fim dos tempos”, nós tocamos com as mãos. E, por isso, este é um caminho que nos leva à maturidade da fé, que não elimina o medo e os desafios, mas nos torna cada vez mais certos.

Sempre me lembro de como cresceu a certeza do povo de Israel e como cresceu a certeza dos discípulos, que sempre se surpreendiam com o fato de que diante de todas as coisas que aconteciam, no relacionamento com os outros povos, quando eles se afastavam de Deus, viam como era a ocasião na qual Deus se mostrava ainda mais capaz de misericórdia, porque os acolhia de novo. Ou quando se sentiam perdidos e Ele lhes enviava um profeta. Assim como ela disse, Ele, a Sua Presença se impunha na realidade. Nós precisamos viver a fé dentro da realidade porque é assim que vemos Cristo em ação no meio de nós. Só assim podemos ver se viver a fé assim é capaz de responder a todos os desafios da vida. É isso o que encontramos na modalidade com a qual Dom Giussani nos ensinou a viver a fé: uma fé que não fosse capaz de responder a todos os desafios da vida não poderia continuar interessante para a vida. Mas, quando percebemos que a fé consegue nos tornar capazes de estar diante de tudo, não que nos poupa, mas nos torna capazes de estar

diante de todos os desafios, isso nos faz cada vez mais gratos, e entendemos a conveniência humana da fé, a pertinência da fé com as exigências da vida. Por isso, seremos sempre gratos a ele por ter-nos ensinado esse modo de viver a fé, tão interessante para todos. E isso é algo que cada um pode viver com a simplicidade com a qual ela nos testemunhou.

Colocação: *Uma das características da nossa realidade contemporânea é a diversidade. Cada vez mais no mundo do trabalho, no mundo comunitário, nas nossas relações, nós nos relacionamos com pessoas que têm ideias, têm posturas que se colocam de forma diferente da gente. Essa característica da nossa diversidade é, ao mesmo tempo, um desafio, porque ela nos impõe também a necessidade de nos relacionarmos com ela, com essa diversidade, a irmos ao encontro desse diferente. E paralelo a isso, a gente tem o mandamento maior que Cristo deixou que é nos amarmos uns aos outros e eu observo que essa característica da nossa contemporaneidade não tem nos favorecido muitas vezes a viver isso, o que Cristo propôs. Nós somos desafiados a todo momento a refletir sobre a resposta que damos a essa realidade. Então, o que eu queria, Carrón, é uma palavra sua com relação a isso. Uma palavra sobre essas duas dimensões com as quais a gente é desafiado. Porque o que Cristo propõe é o desafio maior que a gente pode ter, porque é o desafio do sentido da vida, é o desafio que deve nos conduzir em todas as nossas ações.*

Carrón: Eu lhe agradeço muito por essa pergunta porque é verdade que estamos vivendo a fé em um contexto muito particular, onde há essa diversidade de ideias e de posições que você citou, e isso, muitas vezes pode parecer se tornar um obstáculo para viver. E, também aqui, nós precisamos verificar se a modalidade com a qual vivemos a fé nos ajuda a viver também diante dessas diferenças. Porque o desafio, como você disse, é como nos relacionarmos com essas pessoas totalmente diferentes, que têm posturas, ideias, valores, modos de viver a vida totalmente diferentes. O Papa está nos convidando constantemente dizendo que a Igreja é Igreja se está em caminho, se é uma Igreja capaz de entrar em toda periferia. E eu vivi isso na minha vida como uma possibilidade, antes de mais nada, de crescimento, porque num determinado momento da minha vida, pensei: “todas as coisas que me acontecem, as pessoas que encontro e que têm uma maneira diferente de

viver, que criticam aquilo que eu disse em um certo momento ou que fazem perguntas, ou outras que me escrevem fazendo observações sobre aquilo que eu fiz, são todas sinais dessa diversidade que precisamos enfrentar todos os dias, que cada um de nós pode encontrar nos colegas de trabalho, na família, entre os amigos, e tudo isso pode parecer que seja realmente um obstáculo no caminho. Mas eu percebo que todas essas situações me provocam, não me deixam ficar tranquilo, provocam a minha razão, provocam a minha liberdade, provocam a minha capacidade de compreender e isso, muitas vezes, me fere, muitas vezes me amargura, muitas vezes me bloqueia.

Tenho todas as reações possíveis e imagináveis que todos vivem enfrentando essas diversidades, mas – e isso é parte do caminho do qual falávamos antes – quando dei-me conta de que se não tivesse todas essas provocações eu seria como um encefalograma plano, que posso sentir-me tranquilo mas, no fundo, sem ser desafiado não aprenderia tantas coisas, não seria obrigado a pensar, a refletir, a ler, a perguntar, então, percebi que todas essas coisas eram amigas porque me ajudavam a ser eu mesmo, a ser mais eu mesmo; não porque eu tivesse razão ou não, não era essa a questão. Muitas vezes poderia ser eu o errado, outras, o erro era dos outros. Mas qualquer que fosse a questão, eu crescia levando a sério a provocação. A observação de alguém me enriquecia, às vezes entendia que não era tão verdade assim aquilo que o outro dizia, às vezes me encorajava a ler para entender se aquilo que eu pensava era adequado, ou tendo sido ferido, me levantava de manhã e rezava as Laudes com essa ferida, e os Salmos adquiriam um alcance que muitas vezes não tinham, ou lia algumas coisas e tinha perguntas abertas, feridas abertas, e era mais capaz de interceptar as respostas naquilo que lia, ou me fazia estar mais atento àquilo que eu ouvia quando via os amigos falarem. Eu ficava realmente surpreso com o fato de que tudo aquilo que parecia um obstáculo se tornava realmente parte de um caminho e, portanto, tudo me era amigo. E que, todas as pessoas que tinham interferido em todo esse processo, independente de terem razão ou estarem equivocados, eram amigos. Quer dizer, o encontro com toda essa diversidade era, para mim, motivo de encontro com as pessoas. E esse encontro, mesmo sem me poupar nada desse trabalho do qual falei, me fazia conhecê-las e me fazia crescer. Eu não crescia fora da realidade, crescia dentro dela e isso me tornava cada vez mais certo, mais capaz de estar diante de todos esses desafios, até o ponto de desejar cada vez mais isso; não

porque procurasse as dificuldades, mas porque fazia com que eu sentisse cada vez menos medo diante dessas diversidades. Então, precisei fazer um caminho com todos aqueles “diferentes” que encontrava e, ao mesmo tempo, isso me permitia oferecer a minha contribuição àqueles que encontrava pelo caminho. Isto é, a possibilidade de testemunhar a beleza que nascia da fé que eu redescobria, não apenas quando rezava, mas quando vivia assim. Ou seja, percebi que tudo aquilo que me acontecia era desejado por Deus, desejado pelo Mistério para mim; que as circunstâncias eram o caminho através do qual Deus estava constantemente me chamando. Ou seja, que a vida é vocação: a vida é vocação. A vida, com suas provocações, com suas circunstâncias é chamado, e eu sou constantemente chamado a responder a essas provocações. E se eu não fosse chamado a responder a essas provocações, a minha vida poderia cair no nada, isto é, continuar se encolhendo e, pouco a pouco, a vida desapareceria. Isso me lembra uma frase de Eliot que descreve muito bem o que acontece na vida quando fazemos assim. Eliot diz que a pessoa pode perder a vida vivendo, isto é, que percebe como a vida, pouco a pouco, se encolhe. Por isso, vemos como tantas pessoas, com o tempo, tornam-se céticas, ou seja, nada as provoca, nada as impressiona, nada as maravilha. Ou seja, a pessoa perde a vida vivendo. Eu me dava conta de que, assim, começava a fazer a experiência contrária, que eu ganhava a vida vivendo e isso me tornava cada vez mais entusiasmado com a vida.

Colocação: *A minha vida passou por um período de muito atropelo, de grande dificuldade, de forma particular no sentido familiar, financeiro e, dentro desse caminho de vinte anos pra cá, a vida me exigiu muito. Eu tinha que funcionar de um jeito, diria, exemplar; no sentido de ter que dar conta de estudar, trabalhar, pagar todas as contas e para que isso acontecesse, precisei passar em concurso, fazer mestrado, fazer doutorado, porque cedo me vi sozinha com dois filhos pequenos sob minha total responsabilidade para criar. Isso me fez ter uma vida conturbada, por um lado, bastante acelerada, intensa, sofrida e agora eu tenho a oportunidade de viver isso de uma outra forma. Vivo o que eu chamo de uma grande graça porque para mim não era óbvio o fato de estar casada e isso não era igual a ter o marido ao meu lado. Hoje a minha vida tem uma certa serenidade considerando o que já passou e isso me permite olhar para a minha vida como um grande espetáculo. Olho e percebo*

que tudo aquilo que tive que fazer e ser e conquistar e crescer, não fui eu. Hoje tenho a certeza plena de que tudo o que fiz e vivi e aquilo que aparentemente eu conquistei, na verdade aconteceu porque eu fui o tempo todo carregada. Hoje, com os dois filhos na universidade, com grandes pensamentos, cheios de inquietações brilhantes, discordantes, com o coração pulsando, gritando, e com um grande marido ao meu lado, eu posso viver, mesmo sendo ainda toda atrapalhada, mas com um olhar diferente. Não como uma moça perdida, angustiada e sofredora, e abandonada e traumatizada. Só pra lhe explicar: pela situação do meu trabalho, eu já vivi longe do meu marido (trata-se de um segundo casamento pois o primeiro foi anulado) por mais de quatro anos, tendo um filho morando em outra cidade e a outra filha morando comigo. Hoje vejo minha família reconstruída, e ter todos (os filhos e o marido) em um só lugar, isso faz meu coração gritar de alegria apesar de tudo, que é natural que ocorra: os desencontros, as discussões, os problemas naturais dentro de uma família. Mas ver meu marido chegar em casa, ver meus filhos chegarem em casa, faz eu me sentir no meu lugar, no lugar onde sou construída, onde a vida exige de mim. Falar “meu marido”, “meus filhos” com a certeza de que não são meus, mas de que me são dados, isso me faz crescer, me faz pedir para não perder mais isso. Queria comunicar isso: essa certeza de ter sido sempre e não só agora, gerada, carregada como se mesmo no momento de maior angústia, de aparente grande abandono, eu nunca estive só e me sentia como no colo de Deus. É isso que me sustenta.

Carrón: Como vocês veem, os desafios não nos são poupados, podem chegar até ali. O elenco das circunstâncias que precisou enfrentar, da situação financeira à anulação do casamento, todo o percurso do doutorado, os filhos, tudo pode se tornar, na vida, a ocasião de vê-Lo em ação. O que a nossa amiga viveu, a ponto de nos contar todo esse percurso e poder dizer que foi sustentada, que foi regenerada em todo esse percurso? Essa é a experiência que a pessoa pode viver quando vê que a presença de Cristo é tão real que ela é facilitada a reconhecê-Lo. Diante deste testemunho podemos ver que não existe nenhuma circunstância que nos impeça de ver Cristo em ação e poder tocar com a mão a sua Presença em nossa vida. Estou contente que vocês possam falar de todos os acontecimentos da vida, porque isso é o que nos convence da verdade da fé, porque neste momento particularmente confuso,

com tantas maneiras diferentes de viver, o verdadeiro desafio para a fé é a maturidade, isto é, a personalização da fé. Sempre me tocou muito uma frase que Giussani disse: que a fé é uma experiência presente, e eu posso encontrar a confirmação da verdade da fé na minha experiência; que a fé me permite estar diante de todos esses desafios e responde, não porque me poupa deles, mas porque facilita, me sustenta, me ajuda a vivê-los de modo diferente. Se a fé não for isso, não poderá resistir em um mundo onde tudo, tudo, diz o contrário, porque não devemos nos esquecer de fazer a ligação entre tudo o que dizíamos antes sobre a característica da nossa época, sobre essa diversidade de posições, porque o Mistério nos chamou a viver a fé neste preciso momento histórico, com toda essa diversidade, essa pluralidade de formas de viver a vida. Por isso, diante dessa pluralidade, todas essas diferenças que estão diante de nós, é normal se perguntar: qual é a melhor forma de viver a vida? Os outros têm razão ou não? A fé cristã é algo do passado ou é interessante para viver o presente? É algo que saiu de moda ou é algo que ainda é capaz de responder a todas as circunstâncias que precisamos enfrentar? Se em outro momento da história, em que as circunstâncias hostis eram menores e a diversidade e a pluralidade não eram tão evidentes, era possível viver a fé sem razões, ou seja, como uma parte dos hábitos do lugar onde tínhamos nascido, como uma coisa que pertencia aos arredores onde tínhamos nascido, agora não é assim. Agora, não é mais possível viver a fé somente deixando-se levar pelo contexto, por aquilo que acontece em nossa volta, o contexto, o ambiente em que vivemos a fé é muito diferente; quer dizer, precisamos fazer um percurso que nos encha de razões pelas quais viver a fé se torne a coisa mais humana. Por isso, precisamos nos encher de razões que demonstrem que a fé cristã é a coisa mais pertinente a esses desafios. O fato de não sermos poupados das coisas, não significa apenas que o Mistério não nos poupa delas, mas que elas são decisivas para chegarmos a essa certeza, para chegarmos a reconhecer a verdade que Cristo é, porque Cristo se revela respondendo a todas essas exigências, como uma mãe com o filho. Com a mãe e o pai, a criança tem tudo aquilo de que precisa para começar a viver, mas ela se dá conta do que significa o pai e a mãe para ela, vivendo a vida: quando tem medo, quando tem fome, quando se sente sozinha, quando tem necessidades, quando está doente. Ela entende o que é o pai e a mãe, exatamente vivendo. E é isso o que a torna tão certa do amor do pai e da mãe. A certeza que alcançamos sobre nossos

pais, sobre a nossa mãe, é feita de uma quantidade interminável de gestos, de ações, de iniciativas que nossa mãe teve para conosco, a ponto de agora não podermos pensar em nossa mãe sem estar certos desse amor – se tivemos um relacionamento normal com a mãe. Hoje, neste mundo tão diferente, não é tão imediato chegar a essa certeza sobre a mãe, porque até nesse âmbito os relacionamentos estão feridos. Mas quando temos um relacionamento normal, tudo o que aconteceu em nossa vida nos tornou mais certos. O mundo pode desmoronar, mas nós não podemos pensar que nossa mãe não nos ame. Se a fé não chega a isso, qualquer coisa que nos confunde introduz em nós uma dúvida, introduz uma suspeita. Quando olho para a experiência elementar que o todo homem faz com sua mãe neste período histórico – se a pessoa tem uma mãe normal, não santa, simplesmente mãe –, vejo que se é possível alcançar uma certeza tão humana, também é possível alcançar uma certeza assim na fé porque a certeza da fé não é uma certeza somente espiritual. Se for somente espiritual, basta o primeiro contratempo, o primeiro obstáculo, a primeira dificuldade para introduzir uma dúvida sobre Deus. O que eu fiz de mal para passar por essas dificuldades? Qualquer imprevisto desperta em nós a dúvida, mas pensem na mãe: o mundo pode desmoronar e digam-me se alguém duvida, se alguém pode pensar ou imaginar, se pode sonhar que a mãe não o ama, mesmo que lhe arranquem a pele. Esse é o tipo de certeza da qual precisamos para viver nessa diversidade: não um endurecimento, não uma rigidez. Porque, às vezes, quando nos sentimos amedrontados diante do ambiente, nos endurecemos. Não é uma rigidez maior, mas uma certeza maior, uma certeza cada vez mais cheia de razões. É isso o que nos permitirá viver a fé alegres, neste mundo, neste preciso momento da história no qual Deus nos colocou. Essa é a beleza deste momento, o fato de que não temos nenhuma defesa para viver a fé, não temos rede de segurança como no circo, quando alguém faz seus números com a rede de segurança para o caso de acontecer algum acidente. Este momento me fascina exatamente porque é como recomeçar tudo, como quando os primeiros cristãos começaram a viver a fé naquela confusão que era o Império Romano, naquela diversidade e no Panteão de todos os deuses, mas eles não puderam deixar de comunicar toda a novidade, toda a beleza, toda a alegria que tinham vivido no encontro com Cristo. Como São Paulo que, pleno de Cristo, de Jerusalém à Ilíria, tudo o que pôde fazer para comunicar a fé naquele mundo onde havia de tudo,

fez. E quando desafiava seus amigos das comunidades, por exemplo, uma comunidade como a de Corinto, que era uma cidade muito particular com um porto marítimo com todas as dificuldades, São Paulo lhes disse quando se lamentavam um pouco das dificuldades: a graça de Cristo manifestou-se tão poderosamente diante dos vossos olhos que mais nenhum dom da graça vos falta. Por isso, do quê vos lamentais? São Paulo também pode nos dizer isso, hoje: nenhum dom da graça mais lhes falta para viverem a fé neste contexto.

Colocação: *Eu sou casada há quase oito anos e, de lá para cá, fui agraciada, depois da universidade, por estar num grupo de Fraternidade que me ajuda. Praticamente é um grande grupo de casais da nossa Fraternidade e me ajuda ao longo da caminhada. Mas pelas dificuldades que eu enfrento diariamente dentro do meu casamento, eu tenho uma necessidade muito grande de ser acompanhada, de ser ajudada dentro da minha vocação. Sou muito próxima de duas pessoas dos Memores Domini e comecei a entender a fidelidade da fé deles. Comecei a perceber a fidelidade deles a esse encontro, a essa experiência, a fortaleza de fé, não que sejam rochas (porque a gente escorrega no meio do caminho). Mas principalmente a fidelidade a esse encontro, a fidelidade a esse encontro é o que corresponde de fato a continuar a caminhada. E vendo como eles são tão acompanhados: os Memores têm retiros, os encontros, os visitantes que vão às Casas; eles têm todo um aparato para ser sustentados na fé, eu tenho muita necessidade de ter esse aparato dentro da minha vocação.*

Carrón: Eu vivi uma situação pior do que a sua. Porque quando as pessoas imaginam o meu relacionamento com Dom Giussani acham que eu almoçava com ele todos os dias, mas eu não via Dom Giussani mais que uma vez por ano, e de longe. Naqueles anos não havia ainda internet e, por isso, a gente não tinha a última palavra de Dom Giussani no momento exato, como acontece agora. Aqueles que eram mais amigos dele e moravam na Espanha sempre tinham algum texto a mais, a última palavra. E eu nunca recuei, nunca dei para trás diante dessas coisas. E, desde o início, eu disse para mim mesmo com a minha forma de pertencer ao Movimento: “Se eu não puder viver com os instrumentos que todos têm, desse Movimento não me interessa nada”. Porque eu não ia lá mendigar que eles me dessem o último texto, a

última palavra de Dom Giussani. Senão a gente se enfileira atrás de uma estratégia que não nos leva a lugar nenhum. Por isso, você tem na frente uma pessoa que não teve nenhuma estrada preferencial, porque eu recusei isso desde o início. Eu queria fazer o caminho que todos fizeram e não o caminho dos responsáveis, dos chefes, porque eu não era chefe de nada. Eu não tinha nenhuma responsabilidade. Durante anos eu não tinha nenhuma responsabilidade no Movimento, até que Dom Giussani teve essa ideia de me levar para outro lugar. Por isso eu falei da carta de São Paulo aos Coríntios. O que me impressiona é que ele diga: “Vocês viram tudo o que vi. O que eu tenho que vocês não têm?”. Tudo aquilo que eu vejo eu coloco à disposição de todos, tudo aquilo que nós vemos no Movimento eu coloco à disposição de todos. E São Paulo diz aos Coríntios que a potência de Cristo se mostrou tão grande que nenhum dom de graça falta para ninguém. Nós vimos todos os gestos que o Mistério, que Cristo faz conosco, que nós podemos ler na revista Passos. A gente, de forma espetacular, vê tudo isso. Essa questão que você coloca só pode ser resolvida se você entrar em relação com a realidade, como eu fiz durante anos, e com aquela hipótese de trabalho que o Movimento e a Escola de Comunidade oferecem. Eu não sei por que Dom Giussani teve essa ideia louca de me levar para perto dele quando tantas outras pessoas tinham mais experiência. E aí eu digo o que aconteceu: que eu durante anos fiz o trabalho que agora digo para vocês fazerem. É a mesma situação que a sua, eu não tinha Dom Giussani ao meu lado e, por isso, eu fiz o caminho de verificar a fé da forma como ele me propunha. E a certeza que nós podemos alcançar é justamente essa, é o resultado desse caminho. Certa vez, depois de um encontro, eu acabei ficando sozinho com Dom Giussani e num momento, eu não sei o que ele percebeu, no final desse encontro, quando estávamos sozinhos, ele me disse: “Veja, Julián, a grande diferença está entre quem fez um trabalho estável e quem não fez”.

(Notas não revistas pelos autores)